

## O USO DA COR EM OBRAS DE HABITAÇÃO COLETIVA DO SÉCULO XX: UNIDADE DE HABITAÇÃO DE MARSELHA

LUCIANA CAVALHEIRO DE FREITAS<sup>1</sup>; NATALIA NAOUMOVA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [lucavalheirodefreitas@gmail.com](mailto:lucavalheirodefreitas@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [naoumova@gmail.com](mailto:naoumova@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A identidade cromática das cidades é consequência da expressão coletiva do lugar e conforme este se torna identificável por sua colorística, as cores passam a ser uma assinatura visual (SWIRNOFF, 2000). Alguns autores, como AGUIAR (2005), LANCASTER (1996), GAGE (1993) e EFIMOV (1990), afirmam que a transformação de aspectos formais da arquitetura ao longo do tempo foi acompanhada de mudanças de uso da cor e dos esquemas cromáticos. Isto gerou uma diferente leitura das fachadas em relação as suas formas e significados.

Este artigo apresenta um estudo exploratório, em desenvolvimento, sobre a policromia em obras de habitação coletiva do século XX, começando com arquitetura moderna. Apesar desta ser conhecida pelo uso de concreto aparente em tonalidades monocromáticas, também apresenta obras que exploram a policromia.

Segundo SERRA (2013), existem três estratégias de uso da cor na arquitetura. A primeira é usada para influenciar a percepção visual da obra no ambiente, podendo ter as seguintes funções: destacar ou disfarçar, criando contrastes ou harmonizando o edifício com o entorno; integrar ou desintegrar componentes; distorcer visualmente a geometria. Na segunda estratégia a cor é utilizada para desvendar o edifício, interferindo em sua leitura e compreensão de seus detalhes. Essa estratégia é relacionada com a forma arquitetônica em si, quando a cor fornece informações sobre o tamanho e proporção da obra. A cor, na terceira estratégia, é proposta pelo seu valor simbólico intrínseco, visando principalmente um embelezamento da obra arquitetônica. Essa pode ser realizada através de composições cromáticas específicas que apresentam ritmo, contraste e distribuição alternada de cores.

Baseando-se nessas colocações, o trabalho em questão tem como objetivo examinar a composição cromática das fachadas das obras escolhidas e entender os motivos por trás do uso das cores, bem como os possíveis efeitos visuais causados por estas na percepção das formas arquitetônicas.

### 2. METODOLOGIA

Inicialmente, para a realização deste estudo buscou-se por obras de habitação coletiva do século XX que foram consideradas marcos da época e que apresentassem policromia em suas fachadas. Em seguida, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em livros e artigos sobre cada obra encontrada, além de coleta de material gráfico e audiovisual. No presente momento, está sendo realizada uma análise e reflexão sobre o material reunido. Apresenta-se a seguir a análise da primeira obra, a Unidade de Habitação de Marselha, escolhida em razão de sua policromia inovadora para as edificações da época.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O edifício localizado na cidade de Marselha, na França, foi construído entre 1946 e 1952. Esse faz parte de um grupo de cinco unidades de habitação espalhadas pela Europa e é considerado uma obra prima do mestre da arquitetura moderna Le Corbusier. O arquiteto realizou vários estudos para a fachada com a ajuda do Modulor, uma escala antropométrica de proporções, baseado na altura de uma pessoa de estatura média. O resultado foi uma fachada que contempla uma relação de planos cheios e vazios, ritmo e diferentes texturas.



Figura 1: Unidade de Habitação de Marselha. Fonte: <<https://casa-cor.abril.com.br/arquitetura/projeto-le-corbusier-patrimonio-mundial-unesco-airbnb/>>. Acessado em: 18/08/2022

Um dos recursos utilizados por Le Corbusier no edifício de concreto, foi o uso de cores. Estas parecem ter sido dispostas aleatoriamente nas varandas da fachada. O revezamento de faixas com e sem cor cria uma espécie de mosaico, que por sua vez fornece dinamismo e expressividade à obra, ao mesmo tempo que reduz sua brutalidade e a enriquece visualmente.

No entanto, o arquiteto em seu livro *Modulor 2*, conta que esta policromia surgiu para harmonizar visualmente erros de execução, e que, sem tais erros o edifício nunca seria policromático. Os erros de execução mencionados pelo autor seriam em relação a aberturas desproporcionais e a blocos de concreto moldados em formas erradas (CORBUSIER, 1955).

Diante dos imprevistos de execução, Le Corbusier realizou um estudo colorístico para o edifício. A Figura 2 mostra os testes de cores, feitos em fragmentos de papel pelo arquiteto. A paleta inclui grande variação cromática de matizes saturados, tais como: cor de rosa, verde, amarelo, branco, bordô e azul. Os códigos correspondentes destes matizes foram definidos pelas pesquisadoras de acordo com o sistema cromático internacional *Natural Color System* (NCS).

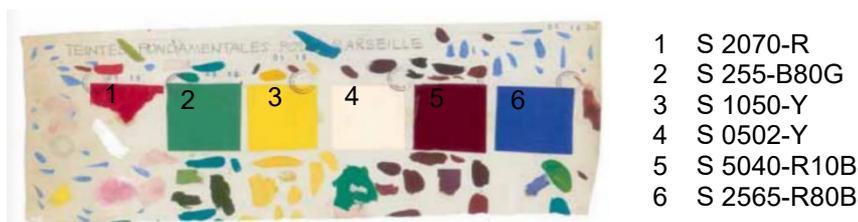


Figura 2: Paleta cromática de Le Corbusier: a) Testes de cores em papel; b) Códigos das cores no Sistema Cromático internacional NCS. Fonte: <<https://shre.ink/m3wp>> (adaptado pelas autoras).

A distribuição das cores na fachada não segue a proposta tradicional e revela relação de contraste com desenhos rítmicos propostos na forma arquitetônica. Os elementos iguais não são pintados com as mesmas tonalidades. No desenho do arquiteto as faixas coloridas também se alternam com sacadas sem cores, criando outra variação. Neste caso é possível observar que a cor não segue a forma e realiza o seu próprio desenho com tema independente. Possivelmente essa pintura é resultado da influência dos postulados do cubismo (LEGER, 1989), conhecido pelo arquiteto, que focava na decomposição analítica da forma e cor.

Segundo Le Corbusier, as cores possuem o poder de mudar a percepção ótica da arquitetura (CORBUSIER, 1997). No livro *Polychromie architecturale*, o arquiteto afirma:

O monocromático permite a avaliação exata do volume de um objeto. A policromia (...) destrói a forma pura de um objeto, altera seu volume, dificulta uma avaliação exata desse volume e, por reciprocidade, permite apreciar em um volume apenas o que você quer ver. (CORBUSIER, 1997)

As cores não foram aplicadas somente na fachada da obra, mas também por dentro do edifício. A Figura 3 mostra um corte esquemático do prédio com o estudo realizado para seus corredores e apartamentos. O arranjo cromático criado pelo arquiteto intercala grupos de cores frias e quentes, formando um ritmo visual ao mesmo tempo que causa uma sensação de aleatoriedade.

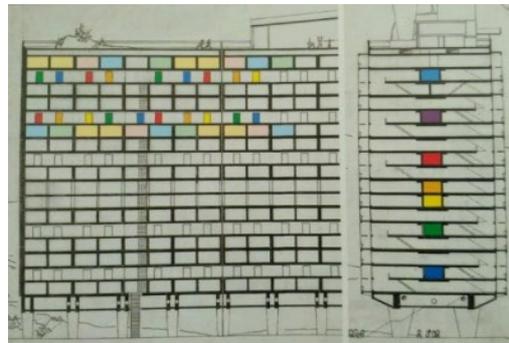


Figura 3: Unidade de Habitação Marselha: Estudo de cores em corte esquemático. Fonte: <<https://shre.ink/m3wp>>.

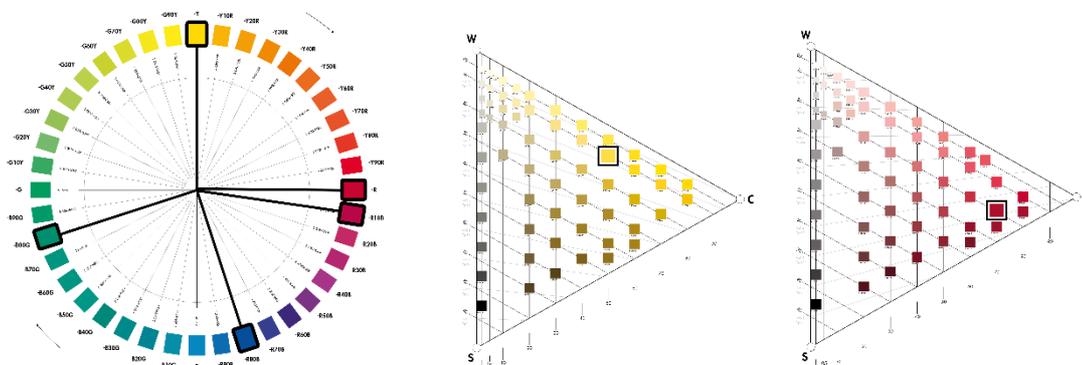


Figura 4: Paleta de cores de Le Corbusier conforme Sistema Cromático Internacional NCS: a) Círculo cromático; b) Triângulo cromático do amarelo (S 1050-Y); c) Triângulo cromático do vermelho (S 2070-R). Fonte: NCS Digital Atlas (adaptado pelas autoras).

Por meio de análise das cores no *Natural Color System NCS*, é possível observar que o arquiteto utiliza basicamente dois grupos de cores complementares (amarelo e azul, e verde e vermelho), o que cria mais tensão na harmonia proposta. A Figura 4 ilustra, no círculo cromático NCS, os matizes das cores da Unidade de Habitação de Marselha, e os triângulos cromáticos exemplificam as nuances dos tons de amarelo e vermelho.

#### 4. CONCLUSÕES

O estudo revela a importância de estudar os motivos por trás do uso da cor na arquitetura e observar os efeitos visuais proporcionados. No caso da Unidade de Habitação de Marselha, é possível concluir que apesar de que o motivo inicial do uso da cor foi a necessidade de disfarçar as marcas das formas erradas de concreto, a proposta policromática alterou a percepção visual da obra e gerou uma composição plástica diferente, criando uma nova estética da fachada icônica. Pretende-se no futuro desenvolvimento do trabalho realizar estudos mais detalhados sobre cor das outras habitações coletivas de arquitetura moderna e pós-moderna.

Um agradecimento à FAPERGS pela bolsa de iniciação científica concedida que possibilitou a realização do trabalho aqui apresentado.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, J. **Cor e cidade histórica: estudos cromáticos e conservação do patrimônio**. Porto: Edições FAUP, 2005.

CORBUSIER, L. **Modulor 2**. Buenos Aires: Editorial Poseidon, 1955.

CORBUSIER, L. Polychromie architecturee: Etude faite par un architecte (mêlé, d'ailleurs, à aventure de la peinture contemporaine) pour des architectes. RÜEGG, A. **Le Corbusier – Polychromie Architecturale: Le Corbusiers Farbenklaviaturen von 1931 und 1959 / Le Corbusiers color keyboards from 1931 and 1959 / Les claviers de couleur de Le Corbusier de 1931 at de 1959** Basel: Birkhäuser. 1997. p. 94-143.

EFIMOV, A.V. **Policromia da Cidade**. Moscow: Construção, 1990.

GAGE, J. **Color and Culture**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1993.

LANCASTER, M. **Colourscape**. London: Academy Editions, 1996.

LÉGER, F. **Funções de Pintura**. São Paulo: Nobel, 1989.

SERRA, J. **Three Color Strategies in Architectural Composition**. Color Research & Application, [S. l.], v. 38, p. 238–250, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/col.21717>. Acesso em: 10 jul. 2022.

SWIRNOFF, L. **The Color of Cities: an international perspective**. Nova Iorque: McGraw-Hill, 2000.